



eccovida

CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE

1

Reduzir: significa economizar de todas as formas possíveis.

2

Reutilizar: é uma forma de evitar que vá para o lixo aquilo que não é lixo.

3

Reciclar: Se não deu para reduzir nem reutilizar, a melhor solução é enviar as embalagens pós-consumo para a reciclagem.

A maioria da População REUTILIZA as Sacolas Plásticas Como Saco de Lixo



Falsos vilões

Uma lei aprovada sob pressão da bancada governista na Assembleia Legislativa impõe restrições tão severas às embalagens plásticas (sacolas), que ameaçam inviabilizar uma indústria que envolve dezenas de pequenas e médias empresas em nosso Estado, e, portanto, alguns milhares de empregos.

Consideradas vilões ambientais, que entupiriam rios, poluiriam cursos d'água e levariam centenas de anos para se decompor na natureza, **as sacolas plásticas, seguramente, não andam, não nadam, não voam nem sobem em árvores.** Se estão em locais inadequados é porque não foi dado o destino correto, que seria a reciclagem, talvez por falta de uma política de coleta seletiva e incentivo. Ao contrário, reprime uma imensa indústria de reciclagem que envolve o trabalho de milhares de pessoas, em sua maioria gente humilde, que não tem outra fonte de recursos.

Ouvidos bloqueados pelo canto de sereia do ambientalismo bem-intencionado mas inconsequente, que ignora realidades econômicas e interesses sociais, os deputados esqueceram-se de que as sacolas são aprovadas

por quase 80% da população (Ibope/2007) e utilizadas para inúmeras finalidades, mesmo depois de carregadas as compras (guardar lixo, é a mais comum e, sem elas, o lixo seria lançado diretamente nas ruas).

Esqueceram-se, também, de que o plástico, com suas milhares de aplicações, inclusive a geração de energia, e sua infinita capacidade de regeneração até desaparecer como vapor d'água ao fim de seu ciclo de vida, proporciona à humanidade um dos períodos mais férteis na história da tecnologia. Marcham na contramão do mundo, que crescentemente utiliza o plástico em substituição a matérias-primas naturais não-renováveis, ao mesmo tempo em que desenvolve métodos cada vez mais modernos e eficientes de reciclagem e reaproveitamento.

Aqui mesmo no Brasil, criamos, há pouco, um papel feito a partir da reciclagem do plástico que agora em setembro faz sua estreia pública no jornal da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis (Abief) e já está à disposição dos interessados. Cada tonelada desse papel oriundo da



reciclagem, poupa a vida de dez árvores.

No Canadá, um adolescente de 16 anos, Daniel Burd, descobriu uma composição de bactérias que acelera dramaticamente (de 400 anos para um mês e meio) a decomposição, sem emissão de substâncias nocivas, do polietileno, que é a matéria-prima das sacolas plásticas. Ganhou um prêmio de US\$ 10 mil e verá, em breve, sua descoberta chegar ao mercado.

Ou seja, algumas soluções estão disponíveis (a reciclagem) e outras a caminho. Espera-se, portanto, que a sensatez prevaleça sobre as vozes dissonantes e derrote os interesses de grupos econômicos, que querem repassar aos consumidores os custos das sacolas de supermercados e do comércio em geral. Alguns desses grupos, inclusive, estão pondo a venda, a preços salgados, sacolas ditas "ecológicas", feitas, em parte, de plástico!

Campanha do Governo: 'Saco é um saco'

O Ministério do Meio Ambiente lançou, em junho, a campanha nacional "Saco é um saco", que visa conscientizar o consumidor sobre os impactos ambientais causados pelo uso excessivo e descarte inadequado dos sacos plásticos.

No Brasil, estimativas da Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS) contabilizam cerca de 12 bilhões de sacolas plásticas consumidas por ano no país. No mundo, são entre 500 bilhões e 1 trilhão de sacolas plásticas distribuídas anualmente.

O que não tem sido explicado, é que, a sacolinha, por si só, é inofensiva. Ela apenas prejudica o meio ambiente quando descartada, de maneira errada, pelas pessoas, que jogam ao vento, sem saber onde vão parar. Dessa forma o impacto ambiental pode ser muito grande, inclusive matando animais.

Já está na hora de conscientizar as pessoas do uso correto das sacolas plásticas e da reciclagem da mesma. Acabando com essas sacolinhas, as empresas de reciclagem desse material teriam que fechar, o que causaria o desemprego de milhares de pessoas.

Matéria Jornal Eccovida Setembro de 2009

População: a maioria a favor das sacolas

FOTOS DANIELLE GOMES



Paula Tima de Lima, dona-de-casa.

"Sou a favor das sacolas plásticas. Utilizo em casa de diversas maneiras. Coloco alimentos dentro da geladeira embrulhados em sacolas, uso na lixeira, além de usar para separar lixo reciclável. As sacolas de papel são muito ruins, rasgam com muita facilidade, sem falar que não são tão resistentes quanto às plásticas".



Verimar Fernandes, caixa de supermercado.

"Sou a favor das sacolas. Elas são muito úteis. Utilizo em vários momentos. Uso para forrar as lixeiras, para guardar coisas. Eu realmente acredito que há um exagero no uso, mas não seria o caso de eliminá-las, e sim de conscientizar as pessoas. As pessoas precisam saber dos benefícios das sacolas".



Alberto Salles, funcionário público.

"Eu utilizo muito essas sacolas para forrar as lixeiras de casa. Sou a favor das sacolas e a favor da reciclagem dessas sacolas. Se as pessoas utilizassem corretamente não teria problema algum. As pessoas devem se conscientizar a respeito da reciclagem das sacolas".



Nossa equipe não encontrou ninguém que fosse contra as sacolas plásticas durante a enquête realizada em um supermercado no Centro de Maricá

Nazaré Alves Vidal, diarista.

"Sou totalmente a favor das sacolas. Para mim elas têm muita utilidade. Uso muito para forrar lixeira. Uso até para carregar minhas coisas. Essas sacolas, para mim, têm muito valor. Não podem acabar com elas não. Uso em todos os momentos".

QUANDO O DESCARTE É ADEQUADO:

Somente quando é para a cadeia produtiva da reciclagem.

QUANDO O DESCARTE É INADEQUADO:

Polui e contamina o meio ambiente. Não para ser reciclado.

QUANDO O RIO OXIDEGRA:

Contamina mais rápido o meio ambiente

Fique sabendo:

⇒ Há, mais ou menos 10 anos, as garrafas pet corriam risco de serem eliminadas devido à poluição que provocavam. Hoje o retrato é outro. Faltam matérias-primas recicladas das embalagens pet pós-consumo. O que precisamos mesmo é o incentivo maior para que de fato a coleta seletiva seja implantada pelos nossos governantes. E para isso a população tem que começar a cobrar e a exigir a implantação da coleta seletiva em seu município;

⇒ O impacto ao meio ambiente não chega a 1%;

⇒ Para a reciclagem, o fim das sacolas significa o fechamento de várias empresas, o que resulta em milhares de pessoas desempregadas.

Desleixo insustentável

Semana 17/03 a 22/03, matéria Jornal O Globo

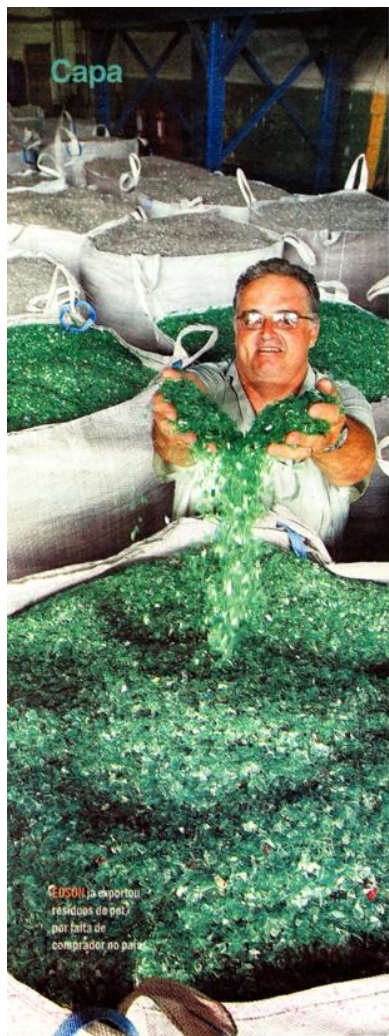
Rio só reaproveita 3% das 8,4 mil toneladas de lixo



Rejeitado aqui, cobiçado lá fora

Enquanto reciclagem patina no Rio, países da Europa reaproveitam até 79%
Das embalagens





Camille Nobrega

Bilhões de dólares jogados

no lixo

Brasil importa resíduos, enquanto aterros estão abarrotados

Camille Nobrega
camila.alves@oglobo.com.br

Enquanto municípios brasileiros fazem malabarismo para dar algum destino às cerca de 170 mil toneladas de lixo produzidas no país diariamente (na maioria dos que um maracanã de lixo por dia), milhares de toneladas de resíduos de outros países desembarcam em nossos portos todos os anos para se tornar matéria prima de indústrias. Só entre janeiro e dezembro de 2009, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) registrou a entrada de 141 mil toneladas de resíduos no Brasil, importadas com autorização do governo e anuência de órgãos ambientais para fins industriais. O valor é equivalente a US\$ 104,6 milhões, correspondente à compra de materiais que vão desde alumínio e plástico até cinzas de origem vegetal e aparas de papel. No mesmo período, o país exportou resíduos por um total de US\$ 74,2 milhões (144,2 mil toneladas). Na opinião de especialistas e de alguns industriais, o comércio exterior de sucata — como a negociação é conhecida —, aponta um contrasenso, já que, como afirma o presidente da Associação Brasileira da Indústria do Pet (Abipet), Auri Marçon, deixase de coletar lixo do país e gerar riquezas, para reciclar o que foi produzido em outros países. Em contrapartida, recicladores precisam recorrer à exportação para fazer a empresa sobreviver.

Segundo Marçon, é necessário estabelecer uma legislação mais rígida para esse tipo de comércio no país, a fim de reduzir a importação de sucata. Para isso, porém, ele explica, seria necessário expandir as redes de coleta nos municípios e regularizar todo o sistema, com inserção dos catadores e fomento à reciclagem. Com isso, Marçon afirma que reduziríamos inclusive a importação ilegal de lixo, que ocorre nas brechas das leis e da fiscalização. — O comércio internacional de lixo é proibido pela Convenção de Basileia (leia no box abaixo). O que se pode importar é matéria prima para indústrias.

Mas é muito difícil definir, e separar daquilo que é sucata. No caso das garrafas pet, para não serem barradas no porto, muitas empresas picam o material e exportam, em vez de mandá-las inteiras, o que poderia caracterizar lixo. Se não está claro, um fiscal não pode fazer nada. Muitos importadores conseguem entrada de material no país driblando as leis de fronteira devido a brechas como essa. Não é que seja propriamente legal, mas é algo questionável.

Para Marçon, a importação de resíduos não é saudável para a indústria de reciclagem local, que precisa ampliar a escala para ter preços mais competitivos. Ele diz, porém, que é difícil convencer as empresas sem o apoio de uma política nacional:

— Nada muda o fato de continuarmos jogando milhares de resíduos recicláveis nos aterros todos os dias. Mas, enquanto as indústrias investem em reciclagem, às vezes falta material. A Abipet tem uma posição contrária à importação, e fazemos conscientização das empresas, mas às vezes elas preferem importar, e não têm dificuldades para fazer isso — disse Marçon, que defende a importação apenas de materiais cuja oferta no país é insuficiente, mesmo com níveis altos de reciclagem, como é o caso do alumínio.

Primeiro colocado no ranking de importações de resíduos, o alumínio é apontado como uma exceção na lista das "importações questionáveis", já que possui alto índice de reciclagem no Brasil, mas precisa complementar o material para suprir a atividade industrial. Em 2009, foram importadas 59,8 mil toneladas de alumínio, o equivalente a cerca de US\$ 74,5 milhões. De acordo com o coordenador da Comissão de Reciclagem da Associação Brasileira do Alumínio, Henio de Nicola, o índice de reciclagem de latinhas, que é responsável por 50% da sucata de alumínio, é de quase 90%. Segundo ele, é necessário importar sucata para cobrir o gap existente na indústria nacional. — O consumo de alumínio está se restabelecendo após a crise econômica e é crescente. A indústria precisa de volumes de material que nem sempre são su-

portados pela oferta interna. Não se desperdiça quase sucata de alumínio, pois têm grande valor agregado.

Mas a situação do alumínio é diferente dos demais resíduos. Nos registros de importação de 2009, constam materiais como plásticos (385,5 mil toneladas a um custo de US\$ 3,5 milhões) e aparas de papel ou cartão para reciclar (27,3 mil a um custo de US\$ 606,8 mil), por exemplo. Boa parte desses materiais são encontrados com abundância nos aterros brasileiros e, na maioria das vezes, não podem ser aproveitados por estarem misturados a outras substâncias. De acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos (Abetre), aproximadamente 80% dos resíduos coletados no país vão parar em aterros, devido a ausência de coleta seletiva em 44% dos municípios e da pequena abrangência nas cidades em que há alguma iniciativa do poder público nesse sentido.

Outro problema na questão da importação de resíduos é o fato de algumas empresas preferirem importar devido a preços mais baixos, como ocorre no caso da sucata oriunda da China, por exemplo. Esse movimento acaba desaquecendo o setor de reciclagem no país, como explica Edson Freitas, presidente da Associação dos Recicladores do Rio de Janeiro:

— Muitas vezes, as indústrias preferem importar, mesmo havendo material disponível no país, por causa do preço. Nosso material não é tão competitivo porque não temos desoneração fiscal para a reciclagem. Ai abaixamos o preço e acabamos prejudicando os catadores, mas se as empresas têm um canal mais barato, por que vão comprar da gente? — perguntou ele, que é diretor da empresa Brasil Pet e já exportou resíduos por falta de compradores no Brasil. — Não acha comprador por um preço mínimo. O governo precisa incentivar a indústria de reciclagem nacional. Em 2007, os recicladores de pet chegaram a exportar 50% da produção. Já vi muita empresa fechar por causa disso.

Enquanto muitas indústrias brasileiras preferem importar para economizar, recicladores do país pre-

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA DE RESÍDUOS EM 2009

valores em milhões de dólares



Fonte: MDIC

cisam recorrer à exportação para escoar a produção. Mesmo assim, a balança comercial da sucata no Brasil aponta um déficit de US\$ 30,4 milhões.

A questão é tão delicada que, procuradas para falar do comércio internacional de sucata, as indústrias brasileiras costumam negar participação ou afirmam que só fizeram encomendas ao exterior por falta de material no Brasil. Apenas o diretor da indústria de reciclagem de pet Cadeia Produtiva de Reciclagem (CPR), Marcos Andriolo, disse que há casos em que os aterros do exterior acabam ganhando prioridade:

— Compramos alguns resíduos no ano passado, mas não temos o hábito, foi por uma boa oferta. Mas se a coleta seletiva não for ampliada, teremos que importar, porque a demanda continua crescendo.

Na opinião do economista Sabetai Calderoni, presidente do Instituto Brasil Ambiente, tratase de uma grande perda econômica. Segundo ele, é necessário que o governo brasileiro atente para essa questão, já que o Brasil poderia prover muito mais resíduos recicláveis para suas indústrias, se fosse aprovada a Política Nacional de Resíduos Sólidos, que tramita no Congresso desde 1991. O economista lembra ainda que, além de reduzir a quantidade de lixo que é jogada nos aterros, o país poderia lucrar com o processo:

— Por ano, perdemos cerca de US\$ 10 bilhões no lixo. O setor privado tem se mobilizado com mais força, porque precisa da matéria prima. As indústrias de reciclagem mobilizam catadores de rua. Mas o poder público ainda se baseia em enterrar resíduos. Enquanto isso não mudar, o problema continua.

Calderoni lembra que hoje já existem mais de 800 mil catadores de lixo cadastrados no país e que essa mão de obra poderia ser utilizada de forma a organizar a coleta nacional. Ele ressalta que, além dos ganhos econômicos, o lixo possui um valor social muito grande e pode gerar milhares de empregos formais no país.

O GLOBO NA INTERNET

► Como ajudar a reduzir o lixo produzido no país
oglobo.com.br/blog/razaosocial

Comércio ilegal de resíduos ganhou força desde 1990

Durante décadas, países desenvolvidos enviaram imensas quantidades de lixo para países até então chamados de "Terceiro Mundo", como nações da África e da América Latina, entre eles o Brasil. Para tentar acabar com isso, foi assinado um tratado internacional, conhecido como Convenção de Basileia, sobre o Controle de Movimentos Transfronteiriços de resíduos Perigosos e seu Depósito, em 1993. A partir daí, proibiu-se a exportação de resíduos perigosos e passou a ser necessária a concessão prévia de autorização para importação ou exportação de qualquer tipo de resíduo.

Mesmo assim, ainda há muitos casos de exportação ilegal, que é feita nas brechas

da fiscalização de alguns países. Em julho do ano passado, a Polícia Federal e o Ibama denunciaram a chegada de 1.600 toneladas de lixo vindas da Inglaterra em dois carregamentos, nos Portos de Rio Grande (RS) e Santos (SP). O lixo chegou ao Brasil em contêineres sob a fachada de polímero de etileno para reciclagem, mas, quando o contêiner foi aberto, os fiscais viram, em meio aos materiais recicláveis, resíduos hospitalares (como seringas), plásticos sujos e até camisinhas usadas.

Após determinação do presidente Lula, os contêineres foram reenviados aos britânicos no dia 5 de agosto de 2009. A empresa compradora da carga, a importadora Stenefon Estratégia e Marketing, e a

transportadora MSC Mediterranean Ship, que trouxe os contêineres com a carga ilegal para o Brasil foram autuados por crime ambiental e multados em R\$2,5 milhões.

Segundo o economista Sabetai Calderoni, exportar lixo ilegalmente para países pobres é um crescente negócio, já que empresas tentam minimizar custos das novas leis ambientais, como as europeias, que taxam o lixo ou exigem que este seja reciclado, ou descartado, de maneira ambientalmente responsável.

De acordo com a Agência Europeia do Meio Ambiente, a quantidade de resíduos de papel, plástico e metais exportados da Europa cresceu dez vezes de 1995 até 2007, com 20 milhões de contêineres de lixo sendo enviados todo ano, boa parte deles ilegalmente.



Ricardo Saloun / Agência Estado

MINISTRO Minc observa lixo enviado da Inglaterra

Sem sistema estruturado, grupo de 4 mil pessoas sustenta a reciclagem no Rio



Catadores de material reciclável chegam de caminhão ao aterro de Jardim Gramacho: informalidade movimentava R\$ 24 milhões por ano, até 2011, diz a Comlurb Pedro Kirilos / O Globo

Rio tem pelo menos 30 normas para regular reciclagem, mas a maioria ainda é ignorada



Especialista diz que poder público deveria dar maior visibilidade a essas leis

75% das recicladoras estão ociosas

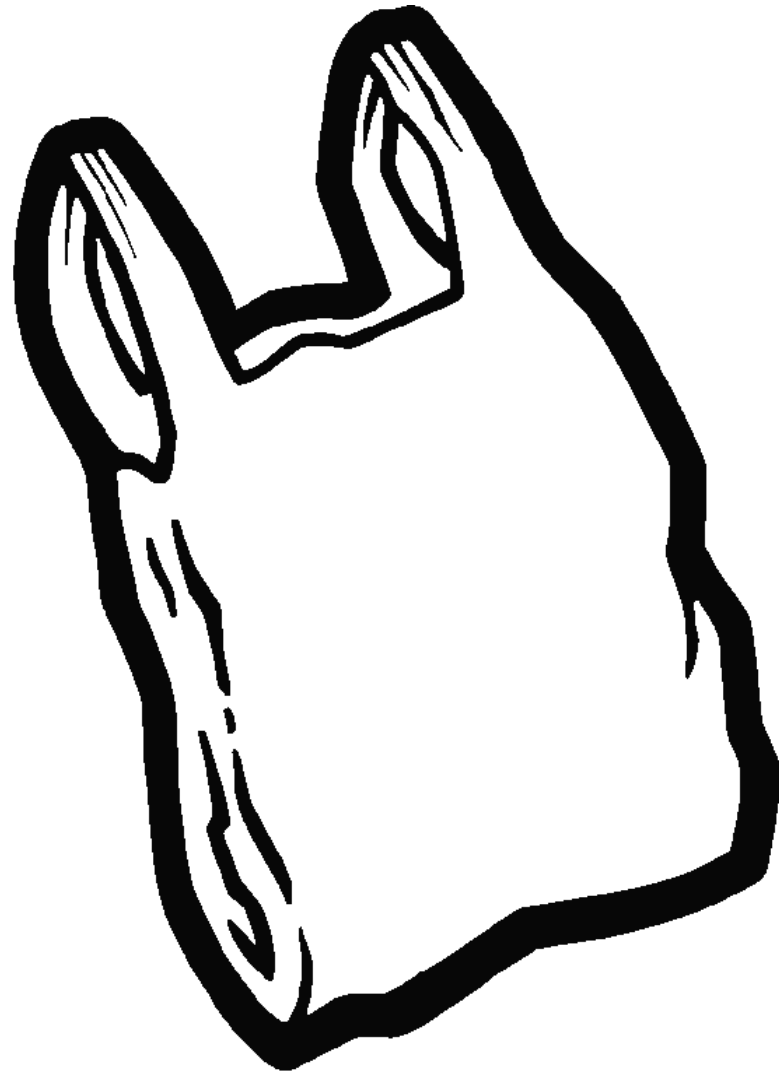


Indústria emprega 20 mil no Rio e fatura R\$ 2 bi por ano, mas utiliza apenas parte de sua capacidade instalada

Indústria não recolhe embalagens, mas rejeita o rótulo de poluidora



O PROBLEMA ESTÁ NAS SACOLAS ?



Lixo é riqueza

Um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (**Ipea**) aponta que, caso o Brasil reciclasse todos os resíduos que são encaminhados aos lixões e aterros, o país poderia economizar R\$ 8 bilhões/ano. Atualmente, a economia gerada varia entre R\$ 1,3 bilhão a R\$ 3 bilhões anuais.



ECCOVIDA

Reconhece a importância das sacolas plásticas e que elas deveriam ser incentivadas e com distribuição gratuita para seus consumidores por ser 100% reciclado, além de contribuir para a reciclagem nas indústrias e catadores, pois seu fim significa o fechamento de várias empresas, o que resulta em milhares de pessoas desempregadas .

Consumidor

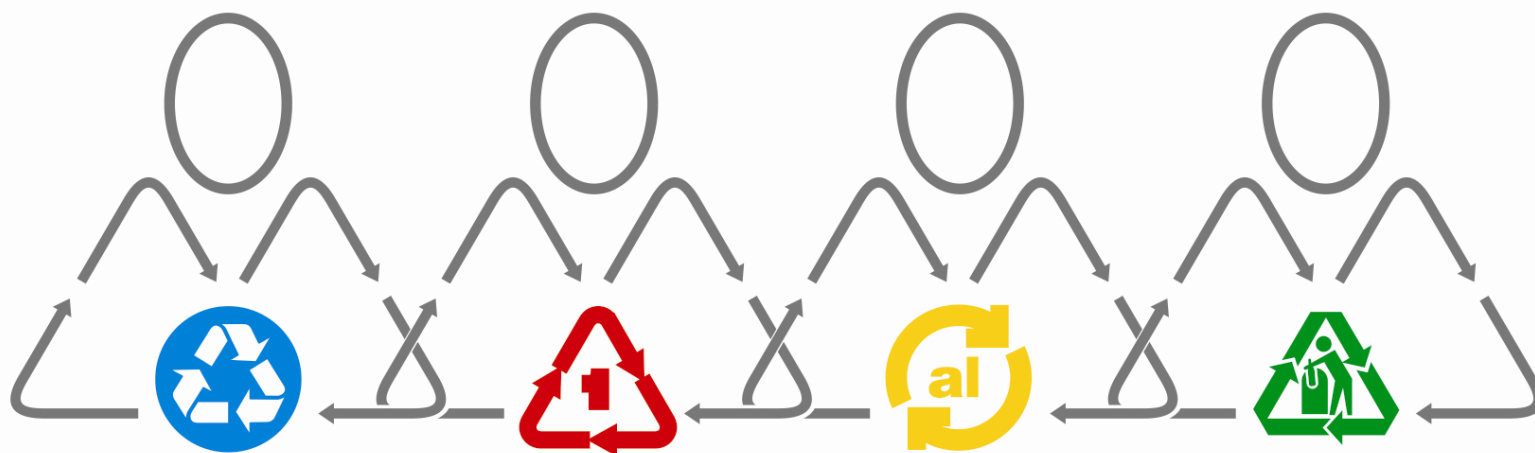
Nós consumidores, dona de casa reutilizamos muito essas sacolas, seja para colocar nosso lixo ou guardar outros produtos.

Engenheira

Se as sacolas são 100% recicláveis, podendo ser utilizadas para vários produtos sustentáveis, certamente ela não é o problema . O que falta é uma política de coleta seletiva e de incentivo a cadeia produtiva da reciclagem .

FRENTE PARLAMENTAR

INCENTIVO A CADEIA PRODUTIVA DA RECICLAGEM



JUNTOS PELA RECICLAGEM

Danielle Gomes

danielle@eccovida.com.br

www.eccovida.com.br

